

Centro educacional de referência Herval da Cruz Braz: uma nova escola para uma nova sociedade

WALDIRENE MARIA BARBOSA¹

AURELIO BRAGA DA CUNHA²

GERALDO PEREIRA DA SILVA³

RESUMO

O Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz foi criado em 2010 como uma das ações da Secretaria de Educação de Juiz de Fora (MG) na implementação de propostas para a melhoria da qualidade da educação. O público-alvo são alunos do 6º ano matriculados nas escolas da rede que tenham, pelo menos, três reprovações na sua trajetória escolar. Mais que a defasagem idade/série tem-se observado que esses alunos são excluídos dos sistemas de ensino, sobretudo por “inadequação” aos padrões de referência das escolas de origem. São considerados como indisciplinados, “alunos-problema”, “irrecuperáveis”. Seu destino é a evasão ou, na melhor das hipóteses, a ida precoce para a EJA. A proposta sofreu muitas resistências da sociedade, da academia e da própria rede que consideraram o projeto como segregador. Hoje, depois de dois anos de funcionamento, cerca de 200 alunos concluíram com êxito o ensino fundamental e estão no ensino médio; e uma nova turma de 200 alunos está iniciando. O projeto tem recuperado não apenas o “tempo perdido” e os conhecimentos não adquiridos por esses alunos, o que pode ser comprovado pelas avaliações ao longo do projeto. Sobretudo tem recuperado a auto-estima, a capacidade de acreditar que vale à pena estar na escola e de que são capazes de aprender, coisa que haviam perdido. O Centro Herval surge como um novo modelo de escola e pode ser considerado referência para práticas educativas inclusivas, capazes de enfrentar o desafio da diversidade, da dificuldade de aprendizagem, da indisciplina, oferecendo ensino adequado às necessidades dos alunos, principalmente aqueles que são excluídos pelo sistema. As principais ações que norteiam o trabalho nessa escola são: o modelo de gestão adotado; adequação da proposta pedagógica e, principalmente, o protagonismo do

aluno. Esse está no centro de todas as ações da escola, com suas dificuldades, seus limites, sobretudo, com suas potencialidades. As ideias de Paulo Freire, de Anton Makarenko tem sustentado as reflexões dos profissionais desse projeto, cujos princípios passam pelo compromisso com a libertação do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Libertadora, Práticas Pedagógicas, Gestão Escolar.

ABSTRACT

The Educational Center for Reference Herval da Cruz Braz was created in 2010 as one of the actions of the Department of Education of Juiz de Fora (MG) in the implementation of proposals to improve the quality of education. The target audience are students in the 6th grade students enrolled in schools of which have at least three failures on their school. More than the age / grade mismatch has been observed that these students are excluded from education systems, especially for “inappropriate” to reference standards of the schools of origin. Are regarded as undisciplined, “student problem”, “unrecoverable.” Your destination is the avoidance or, at best, going early to adult education. The proposal has been much resistance from society, academia and the network itself that saw the project as segregating. Today, after two years of operation, about 200 students have successfully completed

1 Mestre em Educação pela UFJF. Professora da rede Municipal de Juiz de Fora. E-mail: walmbar@hotmail.com

2 Licenciado em História pela UFJF. Professor da rede Municipal de Juiz de Fora. E-mail: aureliobraga@hotmail.com

3 Licenciado em História pela UFJF. Professor da rede Municipal de Juiz de Fora. E-mail: geraps@hotmail.com

elementary school and are in high school, and a new class of 200 students is starting. The project has not only recovered the "lost time" and not the knowledge acquired by these students, which can be confirmed by the assessments throughout the project. Especially has regained self-esteem, the ability to believe that it is worth being in school and that are capable of learning, something they had lost. The Center Herval emerges as a new model of school and can be considered a reference to inclusive educational practices, capable of facing the challenge of diversity, learning difficulties, indiscipline, providing proper education to the needs of students, especially those who are excluded by system. The main actions that guide the work in this school are: the management model adopted; adequacy of pedagogical and especially the role of the student. This is at the center of all actions of the school, with its difficulties, its limits, especially with its potential. The ideas of Paulo Freire, Anton Makarenko has sustained reflections of professionals of this project, whose principles are the commitment to the liberation of the other.

KEYWORDS: Liberating Education, Pedagogical Practices, Management School.

O CONTEXTO

*"Aqui é diferente,
os professores escutam a gente. (...)
não dá para voltar atrás,
eu não vou voltar a ser o aluno de antes"*

Em janeiro de 2009 assumimos a Secretaria de Educação do município de Juiz de Fora sabendo dos inúmeros desafios que seriam enfrentados durante os quatro anos seguintes. No entanto, não tínhamos a dimensão exata do tamanho e da complexidade desses problemas. O desenho da educação municipal apresentava contornos, um tanto quanto, contraditórios. Apesar de uma equipe de professores com qualificação elevada, com uma carga horária de 15 horas/semana de regência para uma média de 25 alunos por sala, os resultados não eram nada animadores. Dos 29.257 alunos matriculados entre o

2º ao 9º ano do Ensino Fundamental, cerca de 5.970 (20%) foram reprovados ao final de 2008. Analisando os anos anteriores foi possível verificar que essa média já vinha se repetindo de forma constante. O ápice dessa reprovação acontecia nos anos finais, sobretudo no 6º ano, quando eram reprovados em torno de 31%. Ou seja, no ano de 2008, 1.319 crianças e/ou adolescentes tiveram negado seu direito de aprender, um direito constitucional.

Em um diagnóstico mais aprofundado verificamos que havia, nessa etapa de escolarização, mais de 1.000 alunos com três ou mais anos de retenção escolar. Há ainda que se considerar os índices de evasão desses alunos nessa etapa, bem como o aumento e o rejuvenescimento significativos da EJA no município. Além disso, ao analisar os resultados da Educação de Jovens e Adultos, constatamos que aí também os alunos não obtinham sucesso: 40% dos alunos evadiam e, daqueles que permaneciam até o final do ano letivo, 35% eram reprovados.

Diante desse triste cenário, a Secretaria de Educação passou a traçar políticas urgentes de intervenção a fim de estancar a produção do fracasso escolar desses alunos. Para tanto, foram tomadas medidas nos anos iniciais (processo de alfabetização) e nos anos finais, especialmente para o 6º ano, etapa com maior índice de reprovação. No seio dessas propostas nasceu a ideia de se criar uma escola que pudesse abrigar aqueles alunos considerados "irrecuperáveis", "difíceis de trabalhar", excluídos paulatinamente do direito a uma educação de qualidade. Mais ainda, o discurso sobre a vida escolar desses meninos e meninas era de um fracasso demasiado. Na visão da maioria das pessoas envolvidas com seu processo de escolarização e formação, esses eram alunos fadados ao fracasso, com pouca ou nenhuma chance de superar as dificuldades resultantes das diferentes situações às quais eles sempre estiveram expostos.

Entretanto, esse sentimento nunca foi compartilhado pela atual Secretária de Educação nem por sua equipe. Enquanto professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora ou Coordenadora do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, junto com suas alunas/bolsistas, monitoras, hoje suas assessoras, acreditava

na educação como direito, travando constantes debates na luta por sua efetivação. À frente da Secretaria de Educação era sua responsabilidade, mais do que nunca, colocar em prática esse ideal. E isso, definitivamente, não condizia com a fragilidade e o determinismo colocados sobre esses alunos e alunas, que vinham, nos últimos anos, sendo impedidos de usufruir do seu direito de aprender. Era preciso criar estratégias que mudassem o curso dessa história. Para tanto, era necessário buscar outros educadores que compartilhassem da mesma crença. E foi assim que nasceu o Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz. Um projeto fecundo de esperança.

Além de atender a esse grupo específico de alunos e cumprir com o compromisso do poder público de garantir o direito a uma educação de qualidade a todas as crianças matriculadas na sua rede – e isso significa, dentre outros, garantir que todos alcancem o êxito em sua trajetória escolar, dentro do tempo legalmente indicado – a Secretaria de Educação buscou, ao criar o Centro Herval, experimentar novas possibilidades de ensinar. Ou seja, pretendíamos que essa escola pudesse ser também referência para rede municipal de práticas educativas inclusivas, capazes de enfrentar o desafio da diversidade, da dificuldade de aprendizagem, da indisciplina, oferecendo ensino adequado às necessidades dos alunos, principalmente aqueles excluídos pelo sistema.

A CRIAÇÃO

Pensar em uma escola nova, que atendesse a uma demanda específica de alunos, os quais já não “cabiam” nas outras escolas da rede, tornou-se um desafio e uma responsabilidade muito grandes. Diante do excessivo número de alunos em defasagem no 6º ano do Ensino Fundamental à época – cerca de 1.042 com três ou mais anos de distorção idade/série/ano, o critério utilizado para atendê-los em uma única escola, foi selecionar aquelas escolas que possuíam maior número de alunos nessas condições. Agregar em uma única unidade escolar cerca de 400 alunos matriculados nessa etapa do processo de escolarização, com esse histórico de reprovação, foi uma grande batalha, travada em

diferentes campos: dentro da própria rede, da academia e da sociedade. No caso das duas primeiras porque acreditavam que estávamos segregando esses alunos, indo na contramão das teorias de inclusão, criando uma escola “especial”. Alguns nomes foram dados, a priori, para a escola, pejorativamente, relacionando-a às instituições de reclusão da cidade. No entanto, a certeza de que poderíamos fazer algo diferente com esses alunos e criar possibilidades de recuperação dos anos de escolaridade dos mesmos, não nos esmoreceu. Sabíamos, no entanto, que precisaríamos de um grupo que comungasse das mesmas ideias, que acreditasse nesse projeto. Dessa forma, a seleção dos profissionais para atuarem no Centro Herval foi feita por meio de adesão, dentro da própria rede. Para tanto foram convidados dois professores da rede, com disposição e reconhecida experiência no trabalho com jovens para ocuparem as funções de diretor e vice-diretor. Já a alocação dos professores seguiu os critérios de uma seleção aberta para 21 vagas, oferecidas, inicialmente, aos professores efetivos da rede que tivessem interesse neste tipo de trabalho. Esses deveriam expressar, em um memorial, os motivos pelos quais gostariam de trabalhar com alunos adolescentes, com defasagem idade/série/ano. Assim, se constituiu a equipe da escola.

O espaço físico diz muito do projeto de educação que se pretende desenvolver. Por isso, pensando no grupo de alunos que seriam atendidos, as salas de aula, ambientalizadas para cada disciplina, foram equipadas com recursos audiovisuais e conexão à internet. Nessa proposta, não existe uma sala de aula por turma, mas todas as salas são utilizadas por todas as turmas, permitindo aos alunos a autonomia pelo deslocamento entre as salas de aula, de acordo com a disciplina que irá cursar. Dessa forma, a escola está organizada conforme demonstrado na Tabela 01.

Inicialmente as disciplinas foram organizadas pela Secretaria de Educação, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, dentro de um núcleo comum. Além disso, a proposta curricular da escola foi acrescida de outras atividades no contra turno regular, com atividades de informática e leitura. Para acompanhar o projeto de maneira sistemática, foi contratado o Centro de Políticas e Avaliação da Educação - CAEd,

da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tal decisão de utilizar a avaliação externa para acompanhar o projeto se deu por duas razões. Primeiro, porque, diante do alto índice de defasagem em que os alunos se encontravam, possivelmente haveria uma discrepância considerável entre os mesmos no que se refere ao seu nível de desempenho escolar. Sendo assim, apesar de todos se encontrarem no 6º ano do Ensino Fundamental, tínhamos um grupo bastante heterogêneo. E para que o trabalho pudesse ser feito de forma a atender as dificuldades específicas destes alunos, a escola precisou organizar turmas minimamente semelhantes no que se refere ao nível de desempenho dos mesmos. Por outro lado, e não menos importante, como se tratava de um projeto novo, inédito, ousado, questionado pela rede municipal e pela própria academia, precisávamos de uma avaliar e monitorar do mesmo a fim de verificar sua efetividade e prestar contas à sociedade. Dessa forma, os alunos realizam um teste de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática antes de serem inseridos na escola e, depois, a cada seis meses até a conclusão do 9º ano.

A ESPERANÇA DE UMA NOVA ESCOLA: OS PRIMEIROS DESAFIOS

O desconforto gerado no início da criação da escola foi se extinguindo na medida em que a concretude do trabalho fora adquirindo contornos próprios. Aproximadamente quatrocentas vidas estavam diante da equipe da escola e, conseqüentemente, diante do sistema municipal de educação de Juiz de Fora, ansiosas

pela resposta ao direito que lhes fora negado durante todos esses anos de **escolaridade**. E é importante frisar que esses alunos possuíam muitos anos de escolaridade – permanência na escola – mas não podemos dizer que foram anos de escolarização, entendendo esta como processo de aprendizagem escolar.

Para Paulo Freire (1992) todo o educador deve ser movido pela esperança. Sem esperança não há luta ou transformação. E como princípio fundante dessa escola sempre esteve a esperança. Todos os atores envolvidos nesse processo – pais, alunos, professores, gestores, Secretaria de Educação - indistintamente, foram tomados pela esperança de novos horizontes: novas possibilidades de aprender e de ensinar; novas possibilidades de vida para seus filhos; novo cenário educacional no município. Para esse grupo, iniciou-se um período fértil de transformações. Para Freire (1992, p. 05),

pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais.

O NOVO TERRITÓRIO

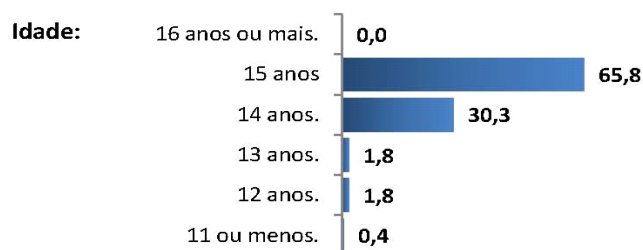
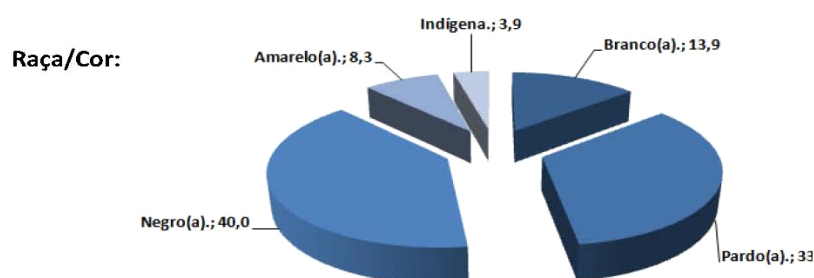
A novidade traz consigo o desafio do desconhecido que vai, aos poucos, se descortinando até deixar de ser novo e novamente se acomodar. No bojo das mudanças ocorridas nas vidas desses atores, houve também algumas que trouxeram dificuldades a serem enfrentadas. Uma delas e, talvez a mais complexa, tenha sido o fato de agrupar em um mesmo espaço, adolescentes oriundos de diferentes regiões da cidade. Não haveria nenhum problema, se fossem as rivalidades travadas entre os bairros. A convivência inicial na mesma escola entre adolescentes de bairros “rivais” trouxe muitos conflitos para o interior e o entorno da escola. Colocaram-se, portanto, novos desafios para a instituição, desafios que vão muito além das questões pedagógicas.

SALAS	ATIVIDADES
01	Matemática
02	Língua Portuguesa
03	Ciências
04	Artes
05	Geografia
06	Inglês
07	História
11	Leitura
12	Informática

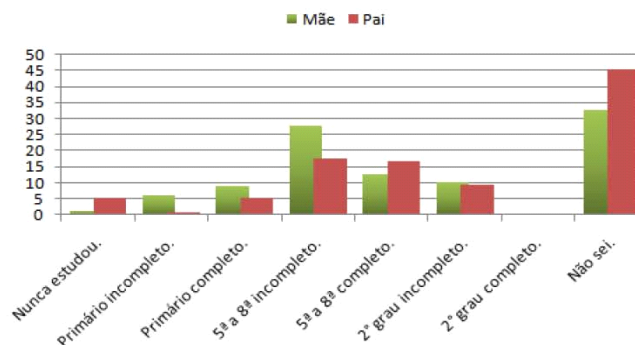
Tabela 01: Mapa das salas de aula do Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz

Por outro lado, menos explícito e mais cruel, o preconceito da vizinhança do entorno da escola em relação aos alunos ali atendidos, acrescentou um dos maiores dilemas para a equipe da escola. Por estar localizada em uma região central da cidade, a grande maioria dos moradores é constituída pelas classes média e alta. Ao contrário, o grupo de alunos atendidos na escola era composto por meninos e meninas pobres, em sua maioria negros, filhos de pais com baixa escolaridade, beneficiários de bolsas assistenciais, conforme os dados apresentados no quadro a seguir:

Sexo:		
	Homens	Mulheres
	60,2%	39,8%



Escolaridade dos Pais:



Outras características:

Alunos com famílias beneficiadas pelo Bolsa Família:	46,5%
Alunos com computador em casa:	50,0%
Alunos com acesso à internet em casa:	36,4%

Quadro 01: Perfil dos alunos

Fonte: CAEd/UFJF. Boletim Contextual, maio de 2011.

A resistência à presença dos alunos no bairro foi expressa de diferentes formas pelos moradores da região. Agrediam-os constantemente com palavras, olhares e ações. Por diversas vezes foi solicitado à Secretaria de Educação e à direção da escola, a retirada dos alunos, chegando ao cúmulo de argumentarem que, apesar de o projeto ser memorável, esse deveria ocorrer em outro lugar, longe dali. Em outros momentos, reconhecerem que, apesar do esforço e dedicação da equipe da escola, aqueles eram meninos fadados ao fracasso, “irrecuperáveis”, que nada mudaria as condições deles e que os mesmos seriam sempre “marginais”.

É comum e está presente no imaginário social a relação direta entre pobreza e violência, sobretudo quando se trata da criança e do adolescente pobres. A intolerância com os alunos do Centro Herval confirma essas sentenças. No entanto, o papel do educador e da sociedade como um todo deveria ser de acolhimento e cuidado para com esses sujeitos. Nas palavras de Caliman (2011) “diante da pessoa que sofre as condições de risco, não podemos ficar indiferentes” (p. 250). Mais que a indiferença, esses meninos sofreram com o estigma e a inclemência. Para tanto, o papel da escola foi fundamental na superação desses obstáculos. Recuperar a autoestima desses alunos e provar que eles também eram sujeitos de direito, perpassou toda a proposta da escola. Todos os dias, em todos os momentos a equipe de profissionais da escola precisava estar atenta para que os mesmos se sentissem partes daquele lugar. Sobre isso, Paulo Freire (1980, p.35) contribui ao destacar o papel do educador no processo de libertação dos sujeitos. Para ele,

o homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la.

E essa foi uma busca incansável da escola, a de fazê-los pessoas mais autônomas e sujeitos mais preparados para enfrentarem às mazelas de sua condição. Para tanto, uma nova concepção de escola e de educação se constituiu no Centro Herval.

A NOVA ESCOLA

Reconhecer que não era possível mudar a trajetória de fracasso escolar desses alunos, mas ter a certeza de que era possível fazer muito para que novas trajetórias pudessem ser trilhadas, foi o ingrediente inicial da equipe que abraçou a proposta do Centro Herval. Dessa forma, a escola se abriu ao novo. E juntos, os profissionais que compuseram a equipe, sonhou uma escola em que era possível ensinar e aprender. Não apenas os conhecimentos acadêmicos e formalmente considerados necessários, mas que fosse, sobretudo, um espaço de formação de sujeitos autônomos, livres e senhores de suas histórias. Mas para que esses alunos chegassem a essa condição, era necessário garantir-lhes a função primeira da escola, que, na visão de Libâneo (2004, p. 53) é “promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos (processos mentais, estratégias de aprendizagem, competências do pensar, pensamento crítico), por meio dos conteúdos escolares”.

Dos alunos que chegaram ao Centro Herval, apesar de se encontrarem matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental, grande parte não havia desenvolvido as habilidades e competências referentes a essa etapa de escolarização. Mais ainda, boa parte não era sequer alfabetizada. Entretanto, havia entre esses, muitos que não apresentavam nenhuma dificuldade de aprendizagem, demonstrando que as sucessivas reprovações estavam mais relacionadas ao comportamento que, propriamente ao seu desempenho acadêmico.

Entretanto, algo os unia em um só corpo: a sensação de incompetência e a baixa autoestima. A autoimagem desses alunos era extremamente negativa. Sentiam-se como “marginais”, fadados ao fracasso na escola e na vida. Sentiam-se à margem: da escola, da sociedade e da vida.

Muitas foram as estratégias utilizadas pela escola. Desde a sua organização: lá as salas de aula não tem número, mas nomes de árvores da flora brasileira. Essa substituição é muito significativa, no sentido de que cada um é especial dentro da escola, tem sua beleza, sua cor, seu perfume, sua resistência. Assim como as árvores que crescem à medida que são cultivadas e cuidadas, os alunos também crescem,

florescem e frutificam enquanto sujeitos, desde que sejam cuidados e respeitados nas suas singularidades.

No campo das ações pedagógicas, destacaríamos duas as quais consideramos bastante relevantes: a coletividade do grupo e o protagonismo juvenil. No primeiro aspecto, podemos dizer que a escola trabalha numa perspectiva democrática e participativa. As estratégias para que isso se consolide são constantes e o diálogo perpassa todas as decisões e encaminhamentos da escola. A capacidade de liderança da direção e o comprometimento dos demais membros da escola são perceptíveis e afetam, diretamente, no comportamento dos alunos. As regras de funcionamento da escola são construídas diariamente e se aplicam a todos, indistintamente. Um aluno deve respeitar ao seu professor do mesmo modo que o professor deve respeitar a cada aluno. Isso é combinado com todos os atores que compõem a escola. Na elaboração das regras não existe “não pode”. Lá tudo pode desde que o seu direito não sobreponha ao direito do outro, e isso vale para todos.

Há, por parte da equipe da escola, uma grande preocupação com o protagonismo dos alunos. Esses estão no centro de toda a proposta da escola. Dentre as diferentes estratégias empregadas pela escola a fim de fortalecer a participação dos alunos, foram criadas as **comissões discentes**. Trata-se de uma proposta de organização dos alunos em grupo, cujos membros são indicados pelos próprios pares. Cada comissão fica encarregada de cuidar de um aspecto que envolve a escola e a eles próprios (Comissão de Saúde, de Esporte, de Organização, de Cultura e de Divulgação). Além de contribuir para todo o coletivo da escola, o objetivo maior dessas comissões era criar uma cultura de compromisso e pertencimento à escola. Nesse sentido, os alunos se tornavam corresponsáveis nos encaminhamentos das ações da escola.

Inspirados na Pedagogia de Anton Makarenko (1995) a equipe compreendia que o protagonismo juvenil só se concretiza a partir do coletivo, de que era preciso dar voz a esses sujeitos, vozes que foram caladas ou sequer foram ouvidas durante toda a sua trajetória escolar.

UMA NOVA ESCOLA PARA UMA NOVA SOCIEDADE: À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao final dos dois primeiros anos de projeto, podemos considerar que o sonho de uma nova escola é possível. Muitos foram os ganhos e, dentre eles, podemos destacar alguns, sobretudo no que se refere a emancipação e autonomia dos alunos, mas também no ganho e na recuperação da aprendizagem. A proficiência média dos alunos, desde o início do projeto, foi crescente demonstrando um ganho significativo na aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática. Se considerarmos o número de reprovações que esses alunos sofreram antes de ingressarem no Centro Herval podemos dizer que os resultados foram expressivos, tendo em vista as perdas acumuladas pelos alunos nos anos anteriores, a cada reprovação. Os resultados de desempenho dos alunos nas cinco avaliações externas realizadas pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), também corroboram com a melhoria nas condições de aprendizagem dos alunos.

Ao final de dois anos de projeto podemos constatar que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados com êxito. Em dezembro de 2011, as quatorze primeiras turmas atendidas pelo Centro Herval da Cruz Braz, concluíram o Ensino Fundamental. O resultado do projeto foi consagrado na formatura realizada no dia 22 de dezembro de 2011 em que, aproximadamente, 800 pessoas participaram da solenidade. Entre essas, as famílias dos alunos formandos, que, após esses dois anos reconheceram o avanço e a melhoria na aprendizagem dos seus filhos. Hoje podemos considerá-lo como um Centro de Referência para práticas educativas, com capacidade de enfrentar o desafio da diversidade, da aprendizagem, da indisciplina, oferecendo ensino adequado às necessidades dos alunos.

O depoimento de alguns alunos confirma esse avanço: *“Estudei em uma escola antes do Herval, onde repeti a 1ª e a 5ª séries. Agora, fico mais atenta às aulas. Os professores dão mais atenção quando não entendemos a matéria. Hoje, eu sei estudar. Também não tinha paciência com as disciplinas, com as pessoas. Isso mudou. Quero fazer vestibular para Direito. Penso em fazer concurso público”*.

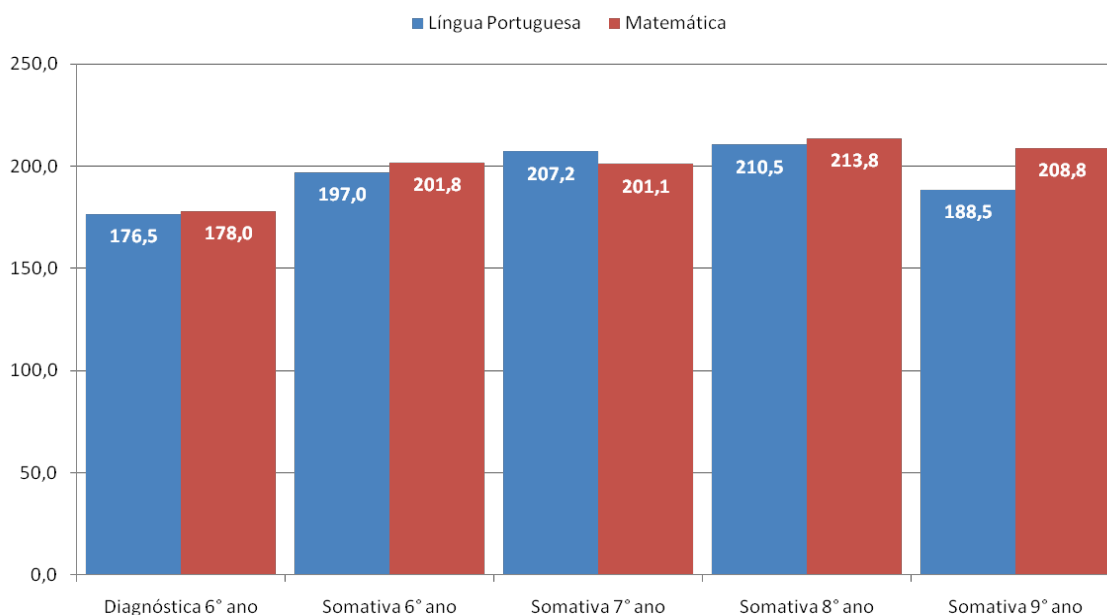


Gráfico 01: Evolução do Desempenho dos alunos do Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz

Fonte: Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd/UFJF), 2012.

REFERÊNCIAS

BROOKE, N. & SOARES, J. F. **Pesquisa em eficácia escolar:** origem e trajetórias. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: contribuições para a evolução de um conceito.** In: **Pedagogia Social: contribuições para uma Teoria Geral da educação Social.** São Paulo: Expressão e Arte editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MAKARENKO, Anton S. **Poema Pedagógico.** Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.